



## Um construtor de instituições

### Armando Castelar

Coordenador da Economia Aplicada da FGV IBRE

Regis foi um querido amigo por mais de 35 anos. Nos conhecemos quando comecei a trabalhar no Ipea, no início de 1982. Regis já era um veterano na instituição, lá tendo entrado quando ela ainda estava em formação e se chamava Epea (Escritório de Pesquisa Econômica Aplicada).

O início dos anos 1980 foi um momento atribulado para a casa, no final do regime militar, quando se deu a saída forçada de meia dúzia de pesquisadores. Minha interação com Regis era então limitada: era como a de um noviço com o cardeal. Além disso, ficávamos em andares diferentes e nos víamos mais em seminários, quando eu quase nunca abria a boca, com receio de falar besteira no meio de tantas feras. Regis era um dos expoentes da casa: seu clássico texto com Pedro Malan (“Os limites do possível”) era citação obrigatória em qualquer texto sobre o desenvolvimento da economia brasileira, cuja crise de então mostrava o acerto de seus alertas.

Mas me lembro vivamente de me encontrar com ele na sala de um colega e ele tecer maravilhas sobre Berkeley, que Regis adorava. Não eram só as muitas histórias que contava sobre seu período fazendo doutorado por lá: sempre que podia passava por lá, em seminários, férias, o que fosse. Regis acabou tendo grande influência na

minha decisão de também fazer meu doutorado em Berkeley, com o mesmo orientador e sobre o mesmo tema: produtividade, um dos grandes focos do trabalho acadêmico de Regis. Ele também teve publicações importantes sobre a indústria, a distribuição de renda e o crescimento econômico, para ficar nos mais destacados.

Nos atribulados anos 1980 e início dos 1990 nos vimos pouco, mas tivemos uma colaboração que me marcou bastante: organizamos juntos um seminário sobre Estratégias de Desenvolvimento, quando descobri a enorme rede de amigos do Regis, o que nos permitiu conseguir bons palestrantes para o evento. Data também desse período uma das interações inesquecíveis com Regis. Tínhamos um grupo para discutir modelos de equilíbrio geral para a economia brasileira e, em dada reunião, me coube comentar um artigo de Regis. A reunião atrasou, eu tinha viagem marcada e, apressado, abri minha fala dizendo que tinha algumas críticas ao trabalho. Regis me interrompe, me olha nos olhos e diz: “Armando, de você eu esperava comentários, mas críticas jamais!” Foi uma das famosas tiradas do Regis, mas escusado dizer que jamais voltei a fazer críticas a qualquer trabalho, apenas comentários.

Voltaríamos a colaborar quando Regis retornou de seu período como professor de Economia da PUC, para onde foi quando deixou o cargo de Diretor de Pesquisas do Ipea. Foi quando organizamos juntos o *Perspectivas da economia brasileira 1994*, uma coletânea de artigos de pesquisadores do Ipea escritos em 1993. Regis sempre se orgulhou de ser um “construtor de instituições” e o *Perspectivas* era uma forma que encontrou para dar mais visibilidade aos trabalhos da casa e estimular as pessoas a escreverem. Mais tarde repetiria a experiência no IBRE, onde organizou vários livros com um perfil semelhante, começando pelo *Agenda de competitividade*, passando pelos *Ensaio IBRE*, e fechando com o *Anatomia da produtividade no Brasil*.

Nossa parceria na organização do *Perspectivas* me valeu um convite do Regis para trabalhar com ele quando virou Diretor de Planejamento do BNDES, no início de 1994. Regis passou menos de dois anos nesse cargo, mas foi o suficiente para influenciar o banco de forma importante, entre outras coisas com a criação da *Revista do BNDES*, cujo primeiro número trouxe um artigo que escrevemos juntos. Foi o primeiro de vários trabalhos que fizemos em parceria: pelas minhas contas,

ficando apenas no que foi publicado, foram dois livros que organizamos, além do *Perspectivas*, e dez artigos que escrevemos juntos.

Mas muito mais do que um co-autor, Regis foi um grande amigo: ouvia minhas inquietações, dava conselhos e me orientava, e não apenas sobre a que filmes assistir, para onde viajar ou sobre o que ler e beber, mas também sobre muitas e variadas questões de natureza pessoal e profissional. Regis realmente ligava para os amigos. E nunca esquecia das datas de aniversário: escolhia com cuidado e carinho os presentes que dava para cada um.

Nestes últimos sete anos no IBRE, frequentemente começávamos o dia com um café e muitas vezes acertávamos de depois almoçar, muito no Salsalito, às vezes no Miako, ou no Broz ou no “japonês do Sujinho”. Às vezes íamos com outros colegas, às vezes só nós dois. Mas quase sempre terminávamos com outras companhias: Regis era extremamente popular.

Regis, assim mesmo, sem acento, como gostava de lembrar, era uma inspiração pela sua capacidade de curtir tudo que fazia, a começar pela família. A pizza ao domingo não poderia ser em qualquer lugar, mas em locais que Regis ia descobrindo para a gente. Quando escolhia que vinho comprar (dividimos algumas caixas ao longo dos anos), já tinha olhado vários catálogos e tinha toda uma explicação para a escolha. Gostava de enfatizar que era “uma boa relação custo-benefício”. Outra paixão era o cinema: para ele podia até haver filme ruim, mas não havia filme que não merecesse ser visto. As férias anuais eram sagradas: como tudo que fazia, antes pesquisava, comparava preços

de passagens, locais para ficar; antes de sair já estava curtindo a viagem.

Nos últimos tempos, além de se ocupar da produção da edição mensal do Boletim Macroeconômico do IBRE, Regis focou sua atenção em dois temas relacionados: indústria e produtividade. Em relação ao primeiro, preocupava-lhe a sua rápida perda de participação no PIB, a desindustrialização. Em que grau isso era razoável, dada a alta participação do setor no PIB no final dos anos 1970 e a tendência de o setor de serviços crescer acima da média com o aumento da renda *per capita*? Regis se debruçava sobre os dados, fazia regressões, matutava. Era sempre assim. Quando escrevia um trabalho, examinava os dados com todo cuidado, olhava de um jeito, depois de outro... Aliás, era um grande conhecedor das estatísticas do IBGE, onde foi diretor-geral e tinha muitos amigos: sabia o que mudara nas pesquisas, qual a melhor forma de conciliá-las etc.

A produtividade era o outro foco do seu trabalho recente. Preocupava-lhe o nosso fraco desempenho nessa área nas últimas décadas. Periodicamente recalculava o que vinha acontecendo com a produtividade brasileira, fazia simulações, buscava quantificar nosso potencial de crescimento sem uma profunda mudança nessa área.

Mais recentemente Regis abraçou o projeto de constituir uma Agência ou Comissão Brasileira de Produtividade, nos moldes das que há em alguns países. Escreveu um projeto, mas, insatisfeito, comprou uma passagem e foi para o Chile conhecer a experiência desse país nessa área. Na volta avançou com o projeto.

Sua ideia era ter, de início, um local em que os pesquisadores pudessem acessar séries longas de dados que os permitisse estudar a produtividade com dados consistentes. Também pensava em agregar em um único local os estudos realizados sobre o tema e, a cada ano, produzir um Relatório Anual da Produtividade. Achava que com o tempo essa Comissão ou Agência se fortaleceria a ponto de também realizar estudos e fazer propostas para melhorar a produtividade do país. Infelizmente, como ocorreu com seus trabalhos nos anos 1970, foi uma ideia à frente de seu tempo: apesar de tentar de mais de uma forma, não conseguiu viabilizar o financiamento para deslanchar o projeto.

No IBRE, Regis foi um grande maestro. Além dos livros anuais, era o organizador dos seminários, tanto os internos como os externos, que em geral moderava, e foi um dos idealizadores do Boletim Macroeconômico, do qual era também coordenador-geral. Conversava com todos, dava conselhos, motivava, só tinha fãs. Nos deixa a memória de sua competência, elegância, cordialidade, generosidade e foco no grupo. Mas também fica um grande buraco no coração.

Numa das viagens que fizemos ao Chile, passamos a nos tratar por “Estimado”, assim mesmo, sem nada depois, ou por “Estimadíssimo”, como Regis às vezes gostava de retrucar à saudação, na sua animada pronúncia em espanhol. Pois Estimadíssimo, onde quer que estejas, espero que já tenhas em torno de ti uma roda de amigos e estejas, como sempre te conheci, curtindo muito tudo em volta. Por aqui, fazes muita falta. 